AMÉRICA, AMÉRICAS: MODERNIZAÇÃO E PARADIGMAS

Antonio Pedro Tota

Para escrever um livro sobre as relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra, tive grandes dificuldades para encontrar uma bibliografia adequada que desse conta da história do país norte-americano. Precisei me apoiar numa bibliografia em inglês, algumas traduções e nos poucos autores brasileiros que trataram do assunto.

Seguem poucos exemplos da pequena produção. Li o clássico *América* de Monteiro Lobato, uma quase memória crítica de um brasileiro no país dos automóveis, do cinema e do rádio, como o escritor vale-paraibano gostava de pensar a pátria dos americanos. Recorri a ótimas traduções como *O Século Inacabado* dirigida pelo decano William E. Leuchtenburg e *História Moderna dos Estados Unidos* de Arthur S. Link, obras publicadas pela Zahar Editores nas décadas de 60 e 70 do século passado.

Dos autores brasileiros mais recentes recorri à conhecida obra de Moniz Bandeira *Presença dos Estados Unidos no Brasil* da editora Civilização Brasileira. Autores brasileiros, como Moniz, quando se ocupam da história dos Estados Unidos, relacionam a história americana à do Brasil. Na área da música, os diversos livros de José Ramos Tinhorão denunciam a americanização de nossa canção. Vale registrar o indispensável Vianna Moog com o seu *Bandeirantes e Pioneiros - Paralelo entre duas Culturas*, também pela Civilização Brasileira, comparando os Estados Unidos ao Brasil.

O problema com grande parte dessa produção é que ela vem eivada de certo preconceito, já chega ideologizada, por assim dizer. Uma produção quase teleológica. As críticas aos Estados Unidos obnubilam uma análise mais objetiva.

Na graduação, na década de 1960, o Departamento de História da USP dedicava uma minúscula parte de seu currículo à história norte-americana que mesmo assim era quase um anedotário enaltecedor das qualidades da América. Hoje há uma matéria de história da América com ênfase nos Estados Unidos.

Resumindo, os estudos sobre os Estados Unidos têm sido relegados a um segundo plano. Essa negligência é paradoxal, pois as relações entre americanos e brasileiros sempre foram objeto de curiosidade acadêmica, de política de estado. Mesmo nos setores popular há uma admiração mesclada, muitas vezes, de critica à cultura e ao modo-de-vida dos americanos. Essa curiosidade vem sempre, como disse, "contaminada" de antiamericanismo que prejudica análises mais objetivas.

Talvez a origem desse antiamericanismo esteja marcada a ferro por causa da análise ácida de um Eduardo Prado ou de um Lima Barreto. Eduardo Prado deixou marcas profundas com o seu *A Ilusão Americana*. O dicionário deixa claro o sentido de ilusão. A ilusão é uma promessa falsa de felicidade, quando se toma o falso por verdadeiro. Eis o que era a ilusão americana do aristocrata Eduardo Prado.

Já Barreto, em sintonia com o pensamento de Prado, pensava o Brasil como um bando de mariposas atraído pela luz mortal da lâmpada:

> "Nós não estamos ficando surdos com as coisas americanas, mas estamos ficando cegos; e, na clássica imagem, somos como mariposas que a luz atrai, para matá-las.
>
> Não temos o bom senso de repelir os grosseiros e megatéricos ideais americanos e ficar nós mesmos. O mundo não é sempre o mesmo, embora sua substância possa ser uma e única; e os homens, portanto, não podem ser e devem variar com ele.

> Substituir o ideal coletivo que é espontaneamente o nosso, por um outro que vai de encontro à nossa mentalidade e ao nosso temperamento, é suicidar-nos.
>
> A fascinação do modelo estrangeiro [...] entra em algum grau na formação de qualquer sociedade, mas, para ser útil e progressiva, não deve substituir inteiramente o modelo próprio e ancestral.
>
> Não é possível que, tomando hoje uma aparência, amanhã outra, depois aquela outra, haja quem deseje que sejamos afinal o brutamonte americano."[1]

O modelo americano não se relacionava com nossa realidade. O modelo forâneo destruía, isto sim, nossa cultura, nossas tradições. José Ramos Tinhorão e Moniz Bandeira são os herdeiros marxistas da tradição monarquistas de Prado e de Barreto.

Talvez o antiamericanismo dos monarquistas estivesse ligado ao fato de a república brasileira ter se firmado graças à ajuda dos Estados Unidos.

Poucos sabem que Floriano Peixoto contou com a ajuda de uma esquadra financiada pelo capital americano para debelar a rebelião monarquista da nossa Armada.

> "[O] governo Cleveland foi além de facilitar a formação da frota de Flint para demonstrar o seu apoio a Floriano. Despachou, nas palavras do secretário adjunto da Marinha, William McAdoo, 'a mais poderosa frota que já representou a nossa bandeira no exterior'. Os cinco grandes cruzadores tinham mais poder de fogo e de manobra que os navios rebeldes e estrangeiros na baía de Guanabara. O comandante americano, almirante Andrew Benham atuou como mediador entre Floriano e os oficiais rebeldes, que prometeram desistir de lutar se Floriano deixasse o cargo e um civil fosse eleito presidente. De fato, Floriano marcou eleições para 1º de março, e o paulista Prudente J. de Morais foi eleito. A combinação das supostas super armas de Flint com as canhoneiras da Marinha americana arrefeceu o ímpeto dos rebeldes do Rio e expôs as autoridades provisórias de Santa Catarina ao risco de um ataque decisivo vindo do mar. Em comemoração, Floriano tornou o Quatro de Julho feriado

[1] Lima Barreto, "O nosso 'ianquismo'". Revista Contemporânea. Rio de Janeiro, 22/3/1919. p. 481

> nacional, o Congresso mandou cunhar uma moeda com as efígies de Cleveland e Floriano, e cidades de fronteira em Santa Catarina e na Amazônia [Amapá], foram batizadas de 'Clevelandia'. Os alicerces da 'aliança tácita' da década seguinte estavam firmemente assentados" [2]

Paradigmas

Vê-se, portanto que os Estados Unidos são tidos como um modelo. Modelo a ser imitado ou a ser evitado.

Nós debatemos esse modelo desde há muito. Esses debates são considerados paradigmáticos para influentes setores da sociedade brasileira. Permanecemos, momentaneamente, distantes do debate quando as velhas elites herdeiras da Ibéria acharam uma solução paliativa na monarquia que, de certa forma, afastou o modelo republicano dos americanos.

No entanto, o modelo monárquico foi, posteriormente, sendo abandonado por influentes setores da nossa sociedade. Daí o ano de 1889, isto é, o ano da Proclamação da República e, principalmente, 1891, ano da constituição republicana criando os Estados Unidos do Brasil. "Somos da América e queremos ser americanos. A nossa forma de governo é, em sua essência e em sua prática, antinômica e hostil ao direito e aos interesses dos Estados americanos", era o que pedia o Manifesto Republicano cerca de vinte anos antes da proclamação da república. República que, como vimos, foi salva graças à ajuda dos Estados Unidos.

Para entender os Estados Unidos

[2] McCann, Frank D. Soldados da Pátria – História do Exército Brasileiro 1889-1937. São Paulo, Cia das Letras, 2008. p. 59 - 60)

Entender primeiro a matriz do paradigma. Para discutirmos a importância dos Estados Unidos paradigmático é preciso construir uma base mais sólida do conhecimento do país. Estudar, pois a história, a cultura, a política e a sociedade americana é a proposta. E para isso criar uma base teórica e metodológica que desvende os estudos do chamado americanismo - tarefa difícil para as culturas ibero-americanas - é indispensável.

A leitura da produção de Luiz Werneck Vianna,[3] Lucia Lippi de Oliveira[4], Robert Wegner[5], será fundamental para iniciarmos nossa proposta.

Mas sem dúvida teremos que nos valer da produção dos próprios americanos que, obviamente, têm trabalhado a questão. Um dos primeiros que serviram como um "rito de iniciação" aos estudos do americanismo foi Gary Gerstle que desenvolveu a idéia resumida nos seguintes conceitos:

- O nacionalismo se manifesta pelo culto coletivo aos heróis que lembram o esforço de indivíduos livres e destacados pela sua religiosidade. Dos *Founding Fathers* a Lincoln a grandeza da América é indiscutível.
- A democracia, ligada intimamente à dimensão nacionalista, centra-se mais nas idéias pelas quais os heróis lutaram, isto é, democracia, direitos, liberdade, independência.

Por tudo isso, a dimensão democrática é um item com grande raio de abrangência, pois abriga o mercado livre, radicais políticos e pluralismo cultural.

---

[3] **Vianna**, Luiz W.A revolução passiva — iberismo e americanismo no Brasil. Rio de Janeiro, Revan/Iuperj, 1997.

[4] OLIVEIRA. Lucia Lippi, Americanos. Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte. Humanitas/Editoa UFMG, 2000

[5] WEGNER, Robert. A conquista do oeste – a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte, editora UFMG, 2000

- O progressivismo, que não tem uma tradução precisa para o português, é baseado na crença da racionalidade, da abundância, aperfeiçoamento constante do caráter moderno da sociedade americana. Essa dimensão enfatiza a habilidade do homem livre e energético na transformação – com ajuda de máquinas/técnicas maravilhosas – da natureza para fornecer ao mercado uma quantidade de produtos atraentes para ser consumidos[6].

Talvez tenha sido um historiador do cinema americano que melhor conseguiu resumir o conceito. Robert Sklar, num antigo estudo sobre a natureza do cinema na cultura americana, sugere uma possibilidade que pode ser muito útil para quem pensa estudar os Estados Unidos - em especial por meio da sua chamada cultura popular. Para ele, Walt Disney e Frank Capra, os dois conhecidos cineastas, transformaram a cultura da pequena burguesia em valores universais. Esta é a chave do americanismo: a recompensa pela estabilidade social identificada na valorização do sucesso, da conquista da riqueza, da conquista da garota pelo seu herói, da amizade, de líderes confiáveis, e, a busca constante da ubíqua felicidade[7].

Outro texto indispensável é *American Myth, American Reality* que trata da criação dos mitos americanos atados ao conceito de americanismo.[8] Uma produção mais recente pode ser notada em *Americanism – New Perspectives on History of an Ideal*, organizado por Michael Kazin e Joseph A. McCartin, publicado em 2006 pela University of North Carolina Press, cuja leitura será fundamental para estudos com o tema proposto. O

[6] **GERSTLE**, Gary – Working-Class Americanism. The Politics o Labor in a Textile City -1914-1960. Cambridge/New York. 1991. pp. 1-15.

[7] **Sklar**, Robert. Movie-made America: a cultural history of American movies. Nova York, Vintage Books, 1976., pp. 197-212

[8] **Robertson**, James Olivier. American myth, American reality. Nova York, Hill & Wang, 1981.

próprio título é indicativo do significado de americanismo para os americanos: novas perspectivas na história de um ideal.

O objetivo principal desse projeto e estudar a "alma" dos Estados Unidos por meio da sua estrutura ideológica mais cara, isto é o americanismo. Como dissemos, americanismo é um conceito difícil de se entender e difícil de se definir.

Para viabilizar um trabalho como este há que se investigar os Estados Unidos como paradigmas. Essa idéia já era encontrada nos primeiros escritos dos *founding fathers*. Estados Unidos como excepcionalidade. Mas o faremos mais pela análise dos interpretes do que diretamente com base no pensamento dos fundadores. Algo próximo ao manual didático de Allan Nevins e Henry Steele Commager que resume o sentido:

> It is the newest of great nations, yet it is in many respects the most interesting. It is interesting because its history of the race, telescopes the development of social and economic and political institutions. Is interesting upon it have played most of those great historical forces and factors that have modeled the modern world: imperialism, nationalism, immigration, industrialism, science, religion, democracy, and liberty, and because the impact of these forces upon society is more clearly, revealed in its history then in the history of other nations.[9]

Os Estados Unidos como sistema diferente do resto do mundo. E modelar. Seymour Lipset lembra que foi um estrangeiro que notou a excepcionalidade americana. Foi o francês Alexis de Tocqueville viajou para os Estados Unidos da América e acabou a expressão *American Exceptionalism*. Só é possível notar a excepcionalidade comparando um país com outro. Estados Unidos da América são excepcionais por ter-se iniciado com uma Revolução para se tornar uma nova nação. A primeira colônia a obter a independência. Independente com forte base ideológica.

[9] **NEVINS**, Allan & **COMMAGER**, Henry Steele. A Pocket History of the United Stats. New York, Pocket Book, 1992. p. v.

Tornar-se americano é uma religião e isso é ideologia. Outros países definem-se por uma história comum, não por uma ideologia[10]. Daí a expressão cunhada por Richard Hofstader: "*Nosso destino não é o de ser uma Nação que possui ideologias, mas de ser uma ideologia.*"[11]

Por isso mesmo é necessário, paralelamente, estudar a idéia de uma americanização à brasileira.

A aferição do que podemos chamar de "aceitação" dos paradigmas da americanização e dos elementos teóricos do americanismo por nossa realidade, só será exeqüível com a análise de vários e diferentes sinais de uma americanização singular. Ou no dizer de Oliveira Vianna a cultura anglo-saxônica seria bem-vinda desde que "[...] fosse expurgada do americanismo, dos valores do indivíduo e da matriz utilitária [...]"[12].

Vê-se, portanto, que a tarefa requer minuciosa pesquisa teórica da produção, primeiro dos americanos, depois dos brasileiros.

[10] **SEYMOUR**, Martin Lipset. American Excepcionalism, a double edged sword. New York, W.W. Norton and Company, 1997. p. 4

[11] **HOFSTADTER**, Richard. The Paranoid Style in American Politics and other essays. Cambridge, Harvard University Press, 1996. p.16

[12] Ver Luiz W. Vianna, "Americanistas e iberistas: a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos", p. 176.